



Vovó Nini reunida com sua família para o Natal

Fotos: Arquivo pessoal



A árvore é um dos pontos principais da casa

transformando a bebida em parte essencial do ritual familiar.

Carlos conta que abrir um vinho específico se tornou um gesto simbólico de encerramento e começo. “Meu ritual é iniciar as festas de fim de ano com um vinho que tenha algum significado pra mim naquele momento”, diz. Pequenos gestos como esse ajudam a marcar o fim de um ciclo e o início de novos tempos.

Além da bebida, o preparo da ceia aparece como uma das tradições mais fortes. Cozinhar junto é, para muitas famílias, o verdadeiro início da celebração. É nesse espaço que conversas acontecem, histórias são relembradas e vínculos são reforçados, muitas vezes de forma silenciosa.

Casas que guardam memória e afeto

Se em algumas famílias o Natal se expressa no movimento, nas brincadeiras e no riso alto, em outras ele se revela na permanência, no cuidado com os detalhes e na repetição consciente dos gestos. Em Brasília, a casa da Vovó Nini Lino representa esse outro modo de viver a tradição: mais silencioso, mas profundamente afetivo.

Aos 92 anos, Nini mantém viva uma prática que atravessa gerações. Todos os anos, ainda no início de outubro, a casa começa a se transformar. Árvores são montadas, presépios ganham lugar e luzes passam a ocupar cada canto. “Para mim, o Natal se inicia quando a casa começa a se encher de luz e de gente”, conta.

Decorar com antecedência não é ansiedade pela data, mas uma forma de prolongar o sentimento. Ao antecipar o ritual, Nini cria um tempo estendido de celebração, no qual o Natal deixa de ser apenas um dia e passa a ser uma experiência vivida ao longo de semanas.

A tradição nasceu ainda na infância, inspirada pelos pais, mas ganhou novos significados ao longo da vida. “Cada fase trouxe novos enfeites e novas pessoas. A tradição foi crescendo comigo, ao longo dos anos, com a família aumentando e com as histórias que fomos vivendo juntos”, afirma.

Hoje, cada objeto guarda lembranças de diferentes momentos, funcionando como um verdadeiro arquivo afetivo. Mais do que decoração, os enfeites se tornam registros emocionais, capazes de despertar memórias e sentimentos adormecidos.

Para Nini, o Natal é um período de profunda conexão emocional. “Representa amor, esperança e gratidão.



A decoração conta história de diversos natais

Quando vejo a casa decorada e cheia de gente, sinto que a vida sempre vale a pena”, diz. As lembranças se acumulam com o tempo e se sobrepõem.

Nini recorda os primeiros Natais com os filhos pequenos, as árvores simples e as ceias improvisadas. Hoje, ao ver netos e bisnetos vivendo esse mesmo encantamento, a emoção se renova. “É como se o tempo se encontrasse dentro da minha casa”, resume.

Com o passar dos anos, a decoração cresceu e se transformou. “Antes tudo era mais simples; hoje é maior, mais elaborado. Fui adquirindo mais enfeites ao longo dos anos, sempre com carinho”, explica. Ainda assim, ela faz questão de ressaltar que o essencial permanece. “O carinho, a união, a fé e o amor nunca mudaram.”

A casa decorada acabou se tornando um ponto de encontro. Familiares, amigos e até pessoas que não fazem parte do convívio diário se aproximam para ver de perto o cenário iluminado. Receber faz parte do ritual. Para Nini, abrir a porta é também uma forma de celebrar a vida.

Mesmo nos momentos difíceis, a tradição se manteve como apoio emocional. Durante a pandemia, quando o Natal precisou ser mais silencioso, o sentimento foi de ausência. “Senti falta da alegria, da casa cheia e da luz”, lembra.

Ainda assim, a família insistiu em manter o ritual, mesmo à distância. “Foi aí que entendi ainda mais o valor da tradição: ela sustenta a gente, mesmo nos tempos difíceis”, afirma. Para quem deseja criar ou resgatar uma tradição natalina, o conselho é simples e afetivo. “Comece com o que você tem. Pode ser uma vela, uma música, uma oração.”

Hoje, a decoração da casa é também um gesto de afirmação da vida. “A casa decorada é uma forma de dizer que a vida é bonita e vale a pena celebrar sempre”, afirma Nini. Um ensinamento que atravessa gerações e reforça o papel do Natal como espaço de memória, fé e afeto contínuo.